

Pandemia, negacionismo e o impacto nos direitos das mulheres

**Professora Mestre Suzane G. Frutuoso*

Resumo

O artigo a seguir joga luz sobre um dos principais impactos de 2020, marcado pela pandemia do novo coronavírus e agravado por um governo negacionista: o retrocesso em direitos e conquistas das mulheres, que, mais uma vez e historicamente, se viram sobrecarregadas, abrindo mão de si mesmas para darem conta de uma série de problemas profissionais e familiares, além de serem afetadas mais fortemente pelo desemprego e pela crise econômica que se instalou. Em especial, as mulheres negras e de classes mais vulneráveis. Com base em dados amplamente divulgados, o trabalho comprova o sinal de alerta para as brasileiras.

Palavras-chave: pandemia, mulheres, negacionismo, direitos, retrocessos

Abstract

The following article sheds light on one of the main impacts of 2020, marked by the pandemic of the new coronavirus and aggravated by a denialist government: the setback in women's rights and achievements, which, once again and historically, have been overwhelmed, giving up themselves to cope with a series of professional and family problems, in addition to being more strongly affected by unemployment and the economic crisis that has taken place. In particular, black women and the most vulnerable classes. Based on widely disseminated data, the work proves the warning signal for Brazilian women.

Keywords: pandemic, women, denialism, rights, setbacks

Introdução

O ano de 2020 foi marcado pela pandemia do novo coronavírus. Mas, ao mesmo tempo, uma outra pandemia se ampliava: a de retrocessos em conquistas das mulheres. Alguns desses passos atrás começaram já a partir da expansão de governos extremamente conservadores, mas acabaram fortalecidos pela quarentena. Tanto no Brasil como em outras partes do mundo. O problema não era a quarentena,

necessária para evitar contaminações e mortes por Covid-19. O problema é que a sociedade brasileira ainda é patriarcal, apesar de avanços significativos alcançados por movimentos de igualdade de direitos, equidade de gênero, diversidade e redes de apoio pessoal e profissional para mulheres, muito fortalecidas pelas conexões da tecnologia, da internet e das redes sociais.

No período iniciado em março de 2020 questões como aumento da violência doméstica, da sobrecarga de trabalho e de tarefas do lar, dificuldades para performar nos estudos e na carreira, e uma colocação da mulher, novamente, sob escrutínio público como o relacionado ao direito ao aborto, ficaram evidentes. Se faz necessário, portanto, investigar os impactos da pandemia (com um pano de fundo baseado em conservadorismo e negacionismo) nos direitos e espaços femininos, considerando quanto esse aspecto é um cenário negativo com reflexos para toda a sociedade. Quais serão os desdobramentos da soma de uma onda conservadora e, por que não dizer, extremista, com um vírus que obrigou as populações ao isolamento social, isolamento esse considerado “oportunidade” para devolverem mulheres a limitações sociais, econômicas e culturais?

São muitos e variados os riscos que surgiram para a população feminina no país durante a pandemia. A partir de pesquisas e levantamentos relacionados ao tema, é possível ter um olhar sobre a abrangência dos desafios que se impõe. Mas antes de pontuarmos muitos deles como parte da justificativa deste trabalho, vamos destacar uma passagem que nos faz reviver o ditado que diz que as mulheres nunca podem descansar em relação aos direitos já conquistados.

Em agosto de 2020 veio à público a história de uma menina de 10 anos do Espírito Santo que engravidou depois de ser continuamente estuprada pelo tio. O caso chocou a sociedade brasileira, mas, ao mesmo tempo, fez emergir grupos religiosos conservadores que tentaram convencer a menina a não ser submetida a um aborto. A intervenção é permitida por lei no Brasil em caso de estupro. Foi o Código Penal de 1940 que isentou de pena a interrupção de uma gravidez fruto de violências. Independentemente da lei, médicos entrevistados na ocasião esclareceram que o corpo de uma criança de 10 anos não aguentaria os efeitos de uma gestação, além de impactar profundamente a saúde psicológica da criança.

Essa história ajuda a entender muitos pontos do que esperamos trazer à luz neste trabalho. Não pretendemos focar a questão do aborto em si, mas mostrar como chegamos a um momento em que uma das leis de proteção à mulher no país,

já com 80 anos de história, regrediu. E isso apesar da revelação de uma barbárie contra uma menina de 10 anos, seguida da divulgação de muitos outros casos semelhantes e em pouco tempo. Um exemplo, de muitos outros e em diferentes áreas, direitos femininos que ficaram em xeque no Brasil da pandemia mesclada com conservadorismo.

Números inquestionáveis

A Plataforma Gente, do Grupo Globo, realiza pesquisas sobre a sociedade brasileira a partir de análise de dados de inteligência de mercado e de institutos de pesquisa parceiros. Em setembro publicou um estudo sobre as preocupações e comportamentos dos brasileiros durante a pandemia, indicando como a Covid-19 impactou a saúde mental e emocional da população. Em especial das mulheres. Só para citar alguns resultados, 33% dos homens estão ansiosos contra 49% das mulheres. Também 33% delas apresentam quadros de insônia, contra 19% dos homens. O distanciamento social levou à sobrecarga mental e de trabalho para as mulheres de classes média e alta, com home office, orientação de estudos on-line dos filhos, cuidados com parentes idosos, tarefas domésticas (que permanecem divididas de modo desequilibrado). Entre as mulheres das classes C, D e E, sendo muitas delas chefes de família, veio o desemprego, também a responsabilidade com filhos e parentes idosos e a dúvida sobre o dia de amanhã.

Vale destacar que as mulheres são maioria entre os profissionais em cargos mais vulneráveis, como enfermeiras, cuidadoras e trabalhadoras domésticas. Uma classe de profissionais que não pode cumprir o isolamento, além das mulheres também estarem estão mais sujeitas ao trabalho informal.

Segundo a pesquisa “Mercado de Trabalho e Pandemia da Covid-19: ampliação de desigualdades já existentes?”, realizada em julho pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), a taxa de participação de mulheres com filhos de até 10 anos no mercado de trabalho caiu de 58,3% no segundo trimestre de 2019 para 50,6% no mesmo período deste ano. A participação média de mulheres no mercado de trabalho ficou em 46,3% entre abril e junho de 2020. “Foi um salto para trás na história do mercado de trabalho. O último resultado abaixo de 50% foi registrado em 1990”, calculou Marcos Hecksher, pesquisador do instituto em entrevista ao portal G1. Ele prevê que muitas dessas mulheres terão dificuldade para

voltar ao mercado de trabalho porque o cenário será de geração de postos mais lenta do que a busca por vagas.

Ainda de acordo com reportagem do portal G1, os arranjos familiares mudaram muito ao longo dos anos, o que externalizou os problemas decorrentes da dupla jornada da mulher que trabalha e cuida sozinha da casa. "Muitas delas são chefes de família, não têm marido e, tampouco, ajuda para criar os filhos. O risco é que, pela necessidade, elas acabem deixando as crianças sob perigo", analisou Cristina Vieceli, técnica do Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese).

O impacto no emprego e na carreira das mulheres por conta da pandemia conta com outros desdobramentos graves. Quando não têm seu próprio sustento, ficam mais vulneráveis à dependência financeira de companheiros e, muitas vezes, presas em relacionamentos violentos e abusivos.

A violência contra a mulher, claro, não é um problema que emergiu na pandemia. É uma antiga realidade cotidiana no Brasil e no mundo. De acordo com a Organização das Nações Unidas (ONU), só no ano de 2019, 17,8% das mulheres em todo o mundo sofreram violência física ou sexual. Significa que 1 em cada 5 mulheres foi violentada por alguém do seu vínculo afetivo. No Brasil de 2018, mais de 500 mulheres foram agredidas por hora, sendo que 76% dos agressores eram conhecidos da vítima - companheiro, ex companheiro ou vizinho.

Com a adoção das medidas de distanciamento social exigidas pelo combate contra o novo coronavírus, mulheres se viram trancadas em casa com agressores 24 horas por dia. A partir daí, surgem duas implicações que nos permitem entender a situação (não aceitar). A primeira é o aumento do estresse que levam as pessoas a se sentirem mais irritadas e ficarem agressivas. Estudo da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ) mostra que os casos de estresse cresceram 80% desde o início da pandemia. Fatores econômicos, desemprego e perda de renda são também fundamentais para compreendermos o crescimento da violência doméstica no Brasil. Na pesquisa Termômetro da Crise, realizada pelo Centro de Estudos de Criminalidade e Segurança Pública (CRISP), da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), em parceria com o Instituto Olhar, 61,9% dos respondentes tiveram a economia familiar reduzida.

Com o aumento da violência doméstica, cresce o número de feminicídios, que é o homicídio de mulheres motivado por gênero e pela condição feminina. Infelizmente, também esse cenário já pode ser mensurado. O Fórum Brasileiro de Segurança Pública registrou um aumento de 22% dos casos de feminicídio em 12 estados do país, entre março e abril de 2020, em comparação com o mesmo período do ano passado. Acre, Mato Grosso e Maranhão registraram percentuais alarmantes de feminicídio. Nestes estados o crescimento foi, respectivamente de 300%, 150% e 133%. Segundo o Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, só em abril, logo depois do início do confinamento, houve aumento de 40% de denúncias registradas por meio do 180 em relação ao ano anterior.

Crianças e adolescentes do Brasil não ficam de fora das estatísticas de violência x pandemia. Segundo dados do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, a cada hora, três meninas menores de 18 anos são vítimas de violência sexual. A cada quatro horas isso acontece com uma menina de 13 anos. Estima-se que existam cerca de 500 mil casos por ano e somente 10% sejam notificados. A maioria das vítimas é violentada por alguém conhecido e a violência ocorre dentro de casa, na família. Assim, a violência sexual e física contra meninas também se faz real na pandemia, apesar de ainda não termos números exatos.

Nem mesmo a produção científica realizada por mulheres no Brasil ficou de fora do impacto brutal da Covid-19. Lembrando que número de artigos publicados por uma pesquisadora é condição essencial para aprovação dela em editais de projetos de pesquisa, concursos públicos e progressão de carreira. Segundo Miller:

[...] A expectativa geral é de que as mulheres apóiem a 'reputação' da família, com suas atitudes sociais tradicionais, e mantenham os 'problemas familiares' dentro do próprio lar. (MILLER, 2002, p.251)

Levantamento do projeto brasileiro *Parent in Science* (do inglês, pais na ciência) indica o dano da pandemia e da desigualdade de condições para docentes, pesquisadoras e alunas de pós-doutorado, doutorado e mestrado. Até maio de 2020, 2 mil acadêmicos haviam respondido o questionário, sendo 70% mulheres. Perguntados sobre ter um artigo científico quase pronto ou em vias de publicação, os entrevistados analisaram o impacto do isolamento social na conclusão do trabalho:

40% das mulheres sem filhos não concluíram seus artigos, contra 20% dos homens. 52% das mulheres com filhos não concluíram seus artigos, contra 38% dos homens.

Conclusão

É importante investigarmos de maneira atenta como a formação de uma consciência coletiva e até subjetiva de repressão à mulher se forma a partir de situações como as descritas acima e, muitas vezes, chanceladas por governantes, o que faz com que esses atrasos de fato se concretizem. Se faz necessário, portanto, barrar o avanço, novamente, de todo tipo de violência contra as mulheres. Desde as físicas até emocionais, sociais e culturais.

Para isso, é urgente destacar e acompanhar o posicionamento de redes e de movimentos feministas e femininos em busca de aplacar os retrocessos no histórico de conquistas das mulheres. Principalmente, procurar entendê-los e participar. Infelizmente, já há relatos de como alguns desses grupos vêm demonstrando receio de se posicionar devido a possíveis censuras, discriminações e perseguições. Não podemos esquecer como o discurso do medo é uma forma recorrente de legitimar autoridade e para justificar que mulheres voltem a seus devidos lugares:

Compreende-se que, na realidade, a obediência é determinada pelos motivos bastante fortes do medo e da esperança – medo da vingança dos poderes mágicos do detentor do poder, esperança de recompensa neste mundo ou no outro – e, além de tudo isso, pelos mais variados interesses. (WEBER, 2010, p.56).

A pluralidade de pensamento sobre questões políticas, sociais e culturais é e sempre foi um evidente incômodo aos movimentos conservadores. Entre suas defesas, está a ideia de que valores tradicionais dão solidez à convivência social. Seria uma forma de manutenção da sociedade. Mas é importante compreender para quem esse formato social é válido e interessante. Com certeza, não para minorias - como as mulheres (mesmo sendo maioria em números, são minoria em oportunidades, direitos e espaços) são caracterizadas.

O pluralismo cria uma condição de incerteza em relação ao que deveria crer e ao modo como se deveria viver; mas a mente humana abomina a incerteza, sobretudo no que diz respeito ao que se conta na vida. (BERGER, 1994, p.48).

Assim, temas que mexem com as estruturas sociais costumam causar questionamentos e, se não compreendidos e aceitos, as mais diversas violências como forma de controle e manutenção de poder. Existindo uma situação atípica e capaz de tirar as certezas e a rotina das pessoas, como uma pandemia, geradora de medos e dúvidas, fica mais fácil disseminar discursos que encontram eco na manutenção do já conhecido, estabelecido, de ordem e obediência, como meio de “espantar” um mal como um vírus.

Essa pensata vira terreno fértil para justificar excessos que também vêm à tona porque está na mentalidade ainda não totalmente desconstruída da sociedade a ideia de que mulher deve se submeter às regras. Sempre, claro, as regras determinadas pelo machismo. Que a sociedade se mantenha em combate contra as diferentes opressões que tanto machucam e limitam as mulheres, que não ganhem força novamente. E que um dia a gente consiga viver sem o ditado que diz que as mulheres nunca podem descansar em relação aos direitos já conquistados.

**Suzane G. Frutuoso é professora da Fecaf, consultora de comunicação e diversidade e escritora. Jornalista pela Unisantos e mestre em Sociologia pela PUC-SP. Este texto reúne parte das primeiras investigações para sua tese de doutorado em Ciência Política em curso também na PUC-SP.*

Referências

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. *O perigo de uma história única*. São Paulo. Companhia das Letras. 2019.

BASÍLIO, Patricia. *Com creches fechadas na pandemia, participação das mulheres no mercado de trabalho é a menor desde 1990*. G1. São Paulo, 5 de set. de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/economia/concursos-e-emprego/noticia/2020/09/05/com-creches-fechadas-na-pandemia-participacao-de-mulheres-no-mercado-de-trabalho-e-a-menor-desde-1990.ghtml>> Acesso em setembro 2020

BERGER, Peter L. *Una gloria remota. Avere fede nell'epoca del pluralismo*. Bologna: Il Mulino, 1994.

CASTELLS, Manuel. *Redes de Indignação e esperança: Movimentos sociais na era da internet*. Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

CHAIA, Vera. *Política e Cultura do Medo*. In: *Ciências Sociais na Atualidade*. São Paulo: Educ, 2011.

CHIARA, Marcia. *Violência contra a mulher aumenta em meio à pandemia*. **Estadão**. São Paulo, 1 de jun. de 2020. Disponível em: <<https://brasil.estadao.com.br/noticias/geral,violencia-contra-a-mulher-aumenta-em-meio-a-pandemia-denuncias-ao-180-sobem-40,70003320872>> Acesso em setembro 2020

GATES, Melinda. *O momento de voar: como o empoderamento feminino muda o mundo*. São Paulo. Editora Sextante. 2018

GARCIA, Janaina. *Produção científica de mulheres despenca na pandemia - de homens, bem menos*. Tilt UOL. São Paulo, 26 de maio de 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2020/05/26/pandemia-pode-acentrar-disparidade-entre-homens-e-mulheres-na-ciencia.htm>> Acesso em setembro 2020

MILLER, L. *Protegendo as mulheres da violência doméstica*. Em L. Q. Moraes e R. Naves (Orgs.). *Advocacia pro bono em defesa da mulher vítima de violência*. Campinas, SP: Unicamp, p. 223-263, 2002.

MINADEO, Roberto. *Direitos humanos, cidadania e violência no Brasil: estudos interdisciplinares* – Volume 3, 2015., Edition: 1, Chapter: 8, Publisher: Curitiba: Editora CRV, pp.145-192. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/274248533_Tendencias_e_Perspectivas_do_Empoderamento_Feminino_Destaque_na_participacao_politica_e_na_atuacao_empreededora>. Acesso em setembro 2019

NETO, João. *Mulheres dedicam quase o dobro do tempo dos homens em tarefas domésticas*. Agência de Notícias IBGE. Rio de Janeiro, 31 de maio de 2019.

Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/24267-mulheres-dedicam-quase-o-dobro-do-tempo-dos-homens-em-tarefas-domesticas>> Acesso em setembro 2020

Termômetro da crise COVID-19. Crisp UFMG. Belo Horizonte, 14 de maio de 2020. Disponível em: <<https://www.crisp.ufmg.br/termometro-da-crise-covid-19/>> Acesso em setembro 2020

TOLEDO, Mariana. Na pandemia, mulheres têm mais ansiedade, insônia e enxaqueca. *Universa UOL.* São Paulo, 24 de set. de 2020. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2020/09/24/na-pandemia-mulheres-tem-mais-ansiedade-insonia-e-enxaqueca-do-que-homens.htm>> Acesso em setembro 2020

WEBER, Max. *Metodologia das Ciências Sociais, parte 2.* 3. ed. São Paulo: Cortez; Campinas, Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2001.

ZOELLICK, R. B. *A igualdade de gênero promove o desenvolvimento das nações.* Câmara dos Deputados, 27 set. 2011. Disponível em: <<http://www2.camara.gov.br/a-camara/procuradoria-da-mulher/a-igualdade-de-genero-promove-o-desenvolvimento-das-nacoes>>. Acesso em setembro 2019